

CAMPEÃO

das províncias

99.3
 Rádio Soberania

Linha do Vouga

na mesa de Cravinho



Representantes da Associação de Entusiastas do Caminho de Ferro são hoje recebidos em audiência pelo Ministro do Equipamento. Evitar o anunciado encerramento do troço da Linha do Vouga, entre Mourisca do Vouga e Oliveira de Azeméis, é o grande objectivo deste encontro de trabalho.

Mais uma vez, os defensores do caminho de ferro vão alertar para a necessidade de uma mudança de política relativamente à linha do Vouga que, garantem, «não tem sido devidamente aproveitada pela CP que a deixou cair na total degradação».

Página 13

Coronel Martinho Pereira em entrevista: «Há muita fome em Aveiro e a maior parte das pessoas não faz ideia»

Páginas 2 e 3

S. João da Madeira

A guerra das pausas

O sindicato dos operários da indústria de calçado, malas e afins dos distritos de Aveiro e Coimbra convoca para hoje uma assembleia de delegados. A aplicação da lei 73/98 não está a ser cumprida pela maioria das empresas. Segundo o sindicato «durante o último ano, os patrões destas empresas prometeram aos trabalhadores que cumpririam a lei quando esta fosse aprovada, ou seja, 40 horas semanais com pausas incluídas». Agora que a lei foi publicada, «recusam-se a cumpri-la, provocando uma onda de revolta dos trabalhadores, chegando ao cúmulo de dizerem que vão descontar o tempo a que legalmente têm direito». A reunião de trabalho tem início marcado para as 14:30h, na sede do sindicato de São João da Madeira.

Resíduos tóxicos

Transfer em Estarreja

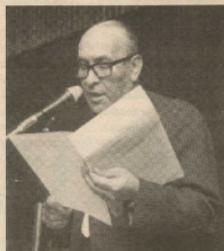
Página 4

Recordar

David Christo

A Federação dos Bombeiros do Distrito de Aveiro vai prestar homenagem a David Christo. Várias iniciativas vão decorrer no próximo sábado integradas nas comemorações dos 90 anos dos Bombeiros Novos de Aveiro. Recordar o importante papel que protagonizou em prol da cooperação e união das corporações de Bombeiros é um dos grandes objectivos desta homenagem que pretende também mostrar quem foi este «banjador de talentos». A autarquia associou-se à festa atribuindo o nome de David Christo à ex-Rua da Lota.

Página 9



David Christo discursando no XIX Congresso dos Bombeiros Portugueses

Associação Comercial de Aveiro em festa

Páginas 8 e 15

Martinho Pereira

"Há muita fome no distrito de Aveiro"

O Banco Alimentar Contra a Fome vai realizar, nos dias 5 e 6 de Dezembro, a campanha de Natal para recolha de alimentos, a segunda desde que está em funcionamento. O objectivo é duplicar os resultados obtidos na campanha de Maio e conseguir recolher 60 toneladas de géneros. Uma meta "ambiciosa" para uma campanha que se cbeja pela primeira vez, este ano, ao concelho de Oliveira do Bairro.

Marta Reis

Nascido há cerca de um ano e meio, o Banco Alimentar Contra a Fome só começou a funcionar em Maio, mês em que foi realizada a primeira campanha de angariação de alimentos. Superadas todas as expectativas nesse âmbito, o Banco debate-se ainda com alguns problemas em termos de voluntários e sócios. Da primeira campanha de sensibilização, na qual foram enviados cerca de 20 mil *mailings*, só chegaram três por cento de respostas. Um resultado desanimador que o presidente da direcção, Martinho Pereira, desdramatiza, já que teve como ponto positivo dar a conhecer o Banco Alimentar. Mas como a persistência é uma boa "arma" e "a esperança é a última a morrer", outro *mailing* está já a caminho...

Campeão das Províncias (CP) – A assinatura do Banco Alimentar Contra a Fome foi celebrada em Junho de 1997. Um ano e meio depois, que balanço faz da actividade do Banco?

Martinho Pereira (MP) – Não podemos falar em um ano e meio porque, apesar da escritura ter sido feita em Junho do ano passado, o Banco Alimentar só começou a funcionar em Maio deste ano. Desde esse tempo para cá, está a trabalhar em pleno. CP – Em Maio fizeram a primeira recolha de alimentos...

MP – Sim. CP – Ficou satisfeito com os resultados?

MP – Os produtos recolhidos ultrapassaram, em muito, as nossas expectativas. Por ser a nossa

primeira recolha, estavam a contar em ter 10 a 15 toneladas. No final, tínhamos mais de 30 toneladas, só da própria campanha. Para além disso, com os produtos que vieram da Comunidade Europeia para o Banco Alimentar, que representaram cerca de oito toneladas, angariamos 40 toneladas.

CP – O Banco Alimentar Contra a Fome recebe também excedentes da Comunidade Europeia?

MP – Há duas coisas completamente distintas: uma é a captação a que o Banco tem direito como Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) destinada ao apoio que dá. Por outro lado, facilitamos a vida ao Centro Regional de Segurança Social, distribuindo todo o programa de apoio à comunidade e a todas as associações ao nível do distrito. Isso facilita sobremaneira a vida ao Centro Regional, na medida em que lhes disponibilizamos os nossos armazéns e também o nosso pessoal, responsável por toda a distribuição que, felizmente, correu impecavelmente sem qualquer problema.

Fizemos a última campanha, em Maio, com cerca de 170 pessoas e agora estamos a contar precisar de mais de 350

CP – Quantas recolhas já fizeram?

MP – A primeira foi em Maio e vamos realizar agora a segunda, em Dezembro, que está em pleno trabalho de preparação. CP – Como está a correr esse trabalho?

MP – Bem. A primeira campanha deu-nos

uma experiência que não tínhamos até agora. Esta recolha de Dezembro vai correr muito melhor por que já sabemos as necessidades e as dificuldades que tivemos na primeira campanha. Portanto, vamos agora evitar que os erros e, essencialmente, as dificuldades que sentimos, não se voltem a repetir. Basta dizer que fizemos a última campanha com cerca de 170 pessoas e agora estamos a contar em precisar de mais de 350. É uma diferença significativa na organização, para que a campanha corra da melhor maneira.

CP – Quais foram as principais dificuldades que encontraram na primeira campanha?

MP – Acima de tudo, a falta de voluntariado. O

principal capital do Banco Alimentar é o humano, são as pessoas que voluntariamente trabalham para nós. O Banco não tem capital próprio. Vive das cotizações dos associados e dos donativos que nos vão chegando do Ministério que tutela o Banco Alimentar, das pessoas

o Banco se levantou. Com muito boa vontade de toda a gente que trabalha cá.

CP – Há muitos voluntários ou há uma crise de voluntariado?

MP – Há muitos voluntários mas precisamos de muito mais. Esperamos que para esta campanha

vai realizar, e o contacto com elas, não só nos vai proporcionar que tenhamos carrinhos para transportar os alimentos dos supermercados como também de voluntários das próprias instituições.

CP – Como é que fazem a distribuição dos géneros recolhidos?

MP – O Banco tem uma metodologia própria: não dá a pessoas, dá à instituição. Esta tem, necessariamente, que estar credenciada perante o Banco Alimentar para fazer a entrega à pessoa ou à família carenciada, porque o Banco não passa da instituição.

CP – Realizaram já alguma campanha de sensibilização da comunidade para o problema da fome e para a existência do

«Presentemente, realizamos campanha nos concelhos de Aveiro, Ilhavo e Águeda e vamos realizar, pela primeira vez, em Oliveira do Bairro»

que são sensíveis à causa e de empresas. O capital que foi necessário para montar tudo o que está nos armazéns do Banco, ascendeu a uns milhares de contos. Alguns dele, nós fomos adiando, outro fomos esquecendo que o tínhamos pago e só assim

não haja dificuldade. Nós apoíamos 195 instituições durante a última campanha, em Maio. Desde esse mês até Novembro, distribuímos mais de 340 toneladas de géneros, de alimentos. As instituições que apoíamos, estão sensíveis à campanha que se



"Nesta campanha o nosso objectivo é conseguir 60 toneladas de alimentos"

Banco Alimentar?
MP — Fizemos uma e vamos agora começar outra. Para além do *mailing* que vamos enviar à população do concelho de Aveiro, e não só, vamos também levar a efeito uma campanha nos meios de comunicação social que, da outra vez, foram pródigos na maneira como apoiaram o Banco. Temos ainda uma campanha a nível nacional, orientada pelo Banco Alimentar Contra a Fome de Lisboa em concordância com os outros Bancos. Cada um é independente, mas seguimos todos a mesma doutrina, para haver unidade. Os Bancos Alimentares pautam a sua maneira de estar não como instituições que andam a pedinchar sistematicamente, mas com duas campanhas anuais — em Maio e Dezembro — que normalmente são acompanhadas por *mailing* para as pessoas que são sensíveis à causa da fome, que é muita no distrito de Aveiro — a maior parte das pessoas não faz ideia -, terem oportunidade de ajudar com algum donativo.

CP — Disse que há muita fome no distrito de Aveiro. É uma situação preocupante?
MP — É preocupante em muitos laços e a maior parte das pessoas passa ao lado de tudo esse flagelo. Há zonas onde crianças e pessoas idosas não têm que comer, e não só, também há falta do que vestir. Embora isto seja um Banco Alimentar Contra a Fome, não distribuímos milhares de sapatos e sapatilhas que nos doaram. Chamámos as instituições para levar todo esse material para distribuir porque não há imensa gente que nem consigo para calçar tem.

CP — Quais são as zonas onde se nota mais esse flagelo?
MP — Eu não vou dis-

criminar. Se dissermos que na cidade de Aveiro também há fome, é verdade. Nós sabemos que existe, estamos dentro das carências e podemos dizer que há muita gente que passa fome no distrito de Aveiro.

CP — Num âmbito mais vasto, esse flagelo é notado em maior escala a norte ou a sul do distrito?
MP — Existe mais fome a norte mas na zona da beira-mar também há muita carência, muito em parte devido aos problemas que os pescadores têm enfrentado nos últimos anos. Felizmente, há muitas instituições que olham por essas carências.

No entanto, não têm os apoios que haviam de ter. O Banco Alimentar está sensível, essencialmente, há necessidade que essas instituições, têm um âmbito extraordinário de apoio às famílias que passam fome.

"O Banco vive para evitar os desperdícios alimentares"

CP — O Banco Alimentar Contra a Fome recebe algum subsídio para fazer face às despesas que tem?
MP — O Banco recebeu alguns donativos que deram para aliviar as contribuições que tínhamos feito. Recebemos do Ministério que tutela os Bancos Alimentares, da Câmara Municipal, que nos cedeu os armazéns e que nos deu um bom donativo, o Governo Civil, que nos deu o

primeiro donativo e que foi o primeiro empurrão ao Banco para começarmos a comprar coisas que necessitávamos para trabalhar. Para além disso, temos donativos de várias empresas e de muitas pessoas. Temos conseguido transmitir a mensagem e recebido respostas positivas. Queremos que dinheiro que nos chega seja suficiente para fazer face à despesa diária. Nós pagamos a dois funcionários e não é, minimamente, com as quotas do Banco que podemos pagar a esses funcionários. Temos uma carinhosa, um empilhador, despesa do dia-a-dia e temos que fazer face a elas.

CP — Qual é a filosofia do Banco Alimentar Contra a Fome?
MP — O Banco vive para evitar os desperdícios dos géneros alimentares. E por vezes há supermercados e outras empresas que têm determinados produtos cujo prazo de validade é curto e que chegam à conclusão de que já não os conseguem vender e entregam-nos ao Banco Alimentar. Como tem uma cadeia de distribuição ótima, o Banco chama as instituições para virem buscar esses alimentos e



"O Banco Alimentar dá à instituição, não às pessoas"

descontam mais do que aquilo que dão.

CP — Quais são os critérios de distribuição do Banco Alimentar?
MP — Tudo o que o Banco recebe da Comunidade Europeia, os excedentes comunitários, é distribuído a nível distrital. As instituições candidatar-se, temos a ficha de cada instituição, o que é que apoia e contabilizamos, *per capita*, consoante cada uma. Isso é definido em consenso com o Centro Regional de Segurança Social. O que é obtido na campanha do Banco Alimentar, vamos distribuir a instituições que estão, essencialmente, sediadas nos concelhos onde a campanha foi realizada. Nós, presente-mente, realizamos campanha nos concelhos de Aveiro, Ilhavo, Agueda e vamos realizar pela primeira vez em Oliveira do Bairro. As instituições des-

perem ser as primeiras beneficiadas com os géneros que foram adquiridos. Mas não somos, de maneira nenhuma, inflexíveis, porque se houver uma carência de uma outra instituição que nos ponha o problema, de modo nenhum há uma parede que impeça que apoiemos essa instituição, assim a direcção do Banco entende.

CP — Normalmente, quanto tempo é que os géneros recolhidos ficam nos armazéns do Banco Alimentar?
MP — Após a recolha dos alimentos da campanha, fazemos a triagem e verificamos o prazo de validade dos produtos e tentamos distribuí-los ao longo dos seis meses que separam as duas campanhas. Vamos dar um cabaz periódico a cada instituição.

CP — Quando foi feita a escritura do Banco Alimentar, disse que um dos objectivos era conseguir ter os armazéns uma rede de frio. Já está instalada?

MP — Neste âmbito, queria destacar uma empresa, a Friopesc, que está sempre ao dispor do Banco Alimentar para guardar todos os elementos que tenham necessidade de frio. O que não quer dizer que o Banco não tenha necessidade de ter meios próprios. Já contactamos uma empresa no sentido de instalar essa rede de

frio. O próprio Centro Regional de Segurança Social tem uma linha que também apoia a montagem de redes de frio nos bancos Alimentares.

"Esperemos que as pessoas sejam sensíveis e se tornem sócias do Banco Alimentar"

CP — Quanto a vocês, actualmente, o Banco Alimentar tem 137 sócios. São muito poucos. A unidade são seis mil escudos; a partir daí cada um dá o que quer. No *mailing* que enviávamos, havia um espaço dedicado às pessoas que se queriam fazer sócias do Banco ou que estavam dispostas a colaborar de outras formas. Das cerca de 20 mil cartas que enviámos, para o concelho de Aveiro, não tivemos três por cento de respostas.

Apesar de tudo foi positivo porque deu a conhecer o Banco. Vai seguir agora outro *mailing* e não vamos desistir. Esperemos que as pessoas sejam sensíveis e que se tornem associados do Banco Alimentar Contra a Fome.

CP — Neste momento, quais são as maiores carências do Banco Alimentar Contra a Fome?
MP — Voluntários e donativos para melhor podermos encarar o futuro.

Perfil de Martinho Pereira

Martinho Pereira, antigo oficial do exército, reparte hoje grande parte do seu tempo entre o Banco Alimentar Contra a Fome e o trabalho na Universidade de Aveiro. Nasceu há 61 anos, no

dia de S. Martinho, santo padroeiro que lhe deu o nome.

O pouco tempo livre que tem, dedica-o à família e à leitura. Para além dos jornais, que o mantêm a par do que vai

acontecendo um pouco por todo o país, costuma ter vários livros de cabeceira. Actualmente, está a ler "O Nome da Rosa", do ex-jornalista italiano Umberto Eco.

Música, ouve algu-

mas, sobretudo clássica, «quando estou cansado»; e essencialmente Beethoven, compositor que elegera para sua "companhia" quando é tempo de descansar.



PCP propõe mais isenções

Saneamento custa os olhos da cara

Paulo Ravara

A Comissão Concelhia de Aveiro do PCP veio recentemente a público dizer que os Serviços Municipalizados estão a agir como se não existisse uma deliberação a isentar os moradores abrangidos pelo Acordo Mínimo Garantido do pagamento da taxa de ligação à rede de saneamento básico.

Foram os comunistas, através do eleito da CDU na Assembleia Municipal, os autores desta proposta que deveria ser do conhecimento dos Serviços Municipalizados de Aveiro. Mas não o é, porque o executivo camarário ainda não informou os serviços, conforme denúncia do PCP em conferência de imprensa. «A Câmara pretende aliviar o peso na consciência sem resolver o problema. Conrado, ficou assim reconhecida a legitimidade da população e só em consequência das suas reclamações e iniciativas foi deliberada esta isenção». Esta é uma, de um rol de críticas, que os dirigentes locais do Partido Comunista fazem ao executivo de maioria socialista. Contestam a forma como está a ser conduzido este processo que tem tirado o sono aos moradores, em particular aos agregados familiares que vivem com magros rendimentos e que, agora, se vêem na obrigação de ter de desembolsar cerca de 82 contos para pagar a factura da ligação à rede de saneamento.

Esta conferência de imprensa serviu também para denunciar as pressões que alegadamente tem sido exercidas sobre os moradores que se recusam a pagar os 82.500 contos. Maria Emília Miranda, da Comissão de Moradores de Santa Joana, apresentou situações em que os próprios

fiscais da câmara chegaram a fazer uma ameaça velada com a penhora de bens perante moradores que afirmavam não ter possibilidades de pagar a ligação. Para o PCP, os protestos da população, nomeadamente em S. Joana, Aradas, S. Bernardo e Matadães, são justificados uma vez que «não se trata de novas urbanizações, em que praticamente os custos da ligação diluem-se na própria construção».

Os comunistas deixaram claro que vão continuar a bater-se por «uma solução justa e séria que tenha em conta as especificidades deste problema no concelho». A proposta dos comunistas prevê cinco casos de isenção da cobrança da taxa de ligação, tal como foi defendido na Assembleia Municipal de Aveiro por António Salavessa, líder dos comunistas aveirenses. A CDU volta a reivindicar publicamente que devem ficar isentos da taxa de ligação as moradias cuja licença de construção seja anterior a 6 de Janeiro (data da publicação da 1ª Lei das Finanças Locais); as moradias acerca das quais se comprove que foram licenciadas na perspectiva de uma determinado local de passagem da rede de saneamento, e que, passando agora a rede por outro local, certifique despesas resultantes de obras para adequar a rede doméstica à nova situação; as moradias cujo processo de legalização tenha obrigado à construção de fossas (desde que se demonstre que essa construção foi de valor igual ou superior a 40 mil euros); devem ainda ficar isentos de pagamento da taxa de ligação prevista nos casos da elevação por bombagem seja extensiva à cobrança da taxa mensal, dados os custos de energia e de manutenção do equipamento, suportados pelos moradores.

Jovens de Ílhavo querem e merecem mais PS critica Semana Jovem

Os vereadores socialistas da Câmara Municipal de Ílhavo não poupam críticas à organização da edição/98 da Semana Jovem. «A princípio ficámos preocupados, pois julgámos que algo de estranho se estava a passar no gabinete de apoio ao presidente da Câmara de Ílhavo», começam por dizer os vereadores do PS que reclamam o facto de não lhes ter sido entregue qualquer convite ou simples prospecto sobre a «Semana Jovem». Os socialistas concluem que não seria da vontade do presidente que «as actividades que decorreram durante a semana fossem presenciadas por nós, com o natural receio de ser feita a comparação com os anos anteriores».

Mas as críticas não ficam por aqui. Os representantes do partido da rosa no executivo ilhavense lembram que a Semana Jovem «tem sido aproveitada para valorizar vários aspectos culturais», no entanto, prosseguem, «a quase totalidade das ações previstas na área da juventude para 98, não se realizaram: acções de prevenção, espaços jovens e bibliotecas, maratona fotográfica, falar coisas sérias, visitas histórico-culturais...». Ao que o presidente da Câmara de Ílhavo classificou de Semana Jovem de transição, os socialistas chamam «semaninha (...) que só se realizou para não dizer que não se fez».

Os vereadores socialistas fazem ainda uma comparação entre a Semana Jovem/98 e as anteriores: os habituais 15 dias foram reduzidos para sete; no entanto, a verba gasta excedeu os 7 mil contos, quando, anteriormente, o orçamento se ficava por 5 mil 500 contos. Assim, concluem, «além dum exagerado gasto, foram defraudadas as expectativas dos jovens do concelho, que esperavam e mereciam mais e melhor».

Novos municípios

Esmoriz, Gafanha e Lourosa ficam à porta

Os movimentos autonómicos e os defensores dos novos municípios de Esmoriz, Gafanha e Lourosa aplaudiram o nascimento dos concelhos de Odvelhas e de Trofa, os únicos projectos discutidos e aprovados na Assembleia da República.

Ao contrário do que foi anunciado e noticiado, o projecto não chegou os projectos lei de criação de 19 novos municípios, uma vez que apenas Odvelhas e Trofa reuniram todos as exigências legais.

Os principais impulsionadores das candidaturas de Esmoriz (Ovar) Gafanha (Ílhavo) e Lou-

rosa (Oliveira de Azeméis) aceitaram pacificamente este facto mas não vão baixar os braços.

Pode demorar algum tempo mas acredita-se que a elevação a concelho chegará um dia.

Manuel Lima Sardo, presidente da Junta de Freguesia da Gafanha da Nazaré, chegou mesmo a viajar até S. Bento no dia em que o país passou a Ter mais dois municípios, para demonstrar a sua solidariedade, e para lembrar aos deputados que o processo não pode parar ali.

Em Esmoriz, Alcides Alves, presidente da junta de freguesia, não ficou

surpreendido com a decisão da conferência de líderes parlamentares. Segundo Alcides Alves o fundamental é alterar a Lei Quadro dos Municípios, de outra forma, os projectos não voltarão a sair da gaveta. Daí que Alcides Alves aconselhe os partidos políticos a «não andarem com iniciativas legislativas desgarradas».

No caso de Lourosa, o presidente da junta de freguesia, Carlos Silva, que nunca esteve ligado a qualquer movimento separatista, continua convencido que «a elevação a concelho facilitaria a tarefa dos autarcas».

Paulo Portas surpreende Ferreira Ramos

O presidente da distrital de Aveiro do PP foi apinhado de surpresa pelas declarações de Paulo Portas. O líder do Partido Popular declarou ser sua intenção deixar o a liderança do partido caso os militantes não aprovem a Alternativa Democrática (AD) no referendo interno. Ferreira Ramos confessou não estar «à espera de uma tomada de posição deste género», no entanto, adianta que «esta é uma posição compreensível por parte de quem defende convicentemente determinada posição, como é o caso de Paulo Portas». A hora do fecho desta edição a distrital de Aveiro do PP dá início a uma reunião com as concelhias do distrito.

Resíduos: ninguém explica

Até ao final do ano o Governo vai decidir quais as cinzentarias que não incinerar os lixos industriais tóxicos, escolhendo duas das quatro localizações possíveis: Alhandra ou Souselas, Maciça ou Ourto.

O processo de consulta pública dos estudos de impacto ambiental está fechado desde a passada segunda-feira, cabendo agora à Ministra do Ambiente, Elisa Ferreira, a última palavra.

O Governo, que recuou no caso da incineradora de Estarreja, aparece agora determinado em não adiar o problema dos resíduos industriais perigosos apesar do inevitável braço de ferro que terá de travar com as populações em ano de eleições.

Para Estarreja parece estar reservada uma peça do Sistema Nacional de Eliminação de Resíduos Industriais, a chamada TRANSFER que não é mais do que uma plataforma onde ficam armazenados, por um determinado tempo, os resíduos em trânsito para as cinzentarias. Uma hipótese rejeitada pela Assembleia Municipal de Estarreja e pelos ambientalistas locais.

O presidente da Câmara tem primado pela discriminação neste caso evitando envolver-se numa polémica cheia de ante-

cedentes. A guerra contra a incineradora deixou: mazelas, o debate público e político não foi nada dignificante. «Entrarei no sistema quando o sistema me aparecer com naturalidade» refere Vladimir Silva, aparentemente tranqüilo com o que se seguirá depois da decisão do Governo. No entanto o autarca avisa que a câmara tem a última palavra «a autarquia vai pronunciar-se sobre o assunto se alguma vez receber um pedido de licenciamento da localização da estação de transferência».

Deixa vez, e ao contrário da postura assumida em relação à incineradora, o presidente da Câmara de Estarreja não se quer expor, até porque não acredita no avanço do sistema, mas sobretudo por causa da forma «pouco séria» como tem sido tratado o problema dos resíduos industriais. «Não estou para alinhar com folclore, entendo que estas matérias são demasiado sérias para serem tratadas com demagogias», afirma o autarca socialista, para quem o problema do Governo não está isento de culpas, pois «não foi capaz de encontrar o melhor caminho para o necessário esclarecimento e para a participação de todas as entidades que tem de ser considerada neste caso».

Associação Académica aposta no esclarecimento

A Associação Académica da Universidade de Aveiro (AAUA) vai manter a actual postura perante a actual política educativa do Governo: apoiar no esclarecimento dos estudantes e no diálogo construtivo em detrimento das "políticas" e manifestações de rua. Isso mesmo ficou decidido na última reunião geral de alunos (RGA). Uma decisão tomada após alguma discussão. Com efeito, um grupo de alunos apresentou à mesa uma moção defendendo uma atitude e um discurso mais crítico por parte da AAUA. Perante este quadro, os dirigentes académicos passaram às explicações. Uma longa exposição onde se deu conta do trabalho desenvolvido pela Associação, o que acabaria por ter um impacto positivo nos estudantes. A direcção da Associação acabou por reformular o documento que seria novamente colocado à consideração dos estudantes e aprovado por unanimidade. Segundo Artur Castro, da direcção da Associação, o objectivo é avançar com um «trabalho construtivo em prol dos estudantes de Aveiro e de uma melhor qualidade do ensino superior em Portugal», mas fazê-lo «de forma construtiva, e não indo para a rua». Concertar acções de informação e mobilização junto dos estudantes é o próximo passo. Nesse sentido, as comissões de curso e outros órgãos universitários, que desenvolvem trabalho ao nível da política educativa, vão

passar a reunir regularmente para analisar as diversas questões que se colocam ao ensino superior: combate ao insucesso escolar, procura de condições de estudo e discussão da própria lei de financiamento. Artur Castro garante que «enquanto a actual direcção da AAUA se mantiver em funções, manter-se-á a estratégia defendida até agora e que rejeita palavras de ordem, politiquês».

Semanas do Entero e do Caloiro com saldo positivo

A Associação procedeu também à exposição das contas relativas às Semanas do Entero e do Caloiro/98. Nos dois casos, os resultados foram positivos. Um saldo favorável de cerca de 3 mil contos que se ficou a dever «ao esforço significativo da estrutura da Associação». Apesar disso, há reparos a fazer. No que respecta à Semana do Entero, a AAUA continua a ter que suportar «encargos que rondam os 8 mil e 700 contos». Em causa está um antigo problema que se prende com a falta de infra-estruturas disponíveis: uma questão que acaba por condicionar a realização de algumas iniciativas. Um obstáculo que «retira espaço de manobra para melhorar a semana académica e torná-la a maior festa da juventude em Aveiro». Artur Castro deixa-se da «falta de apoio da autarquia, a este nível».

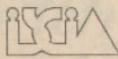
Em relação à Semana do Caloiro, a

situação está bem mais facilitada. A disponibilidade do recinto de feiras aumenta a rentabilidade, até porque possibilita um cartaz mais variado e um maior investimento. Cerca de mil contos dos resultados líquidos angariados com as Semanas Académicas vão ser canalizados para a campanha de bolsas para Timor.

Na última RGA foi também aprovado Regulamento Administrativo Interno. Um documento que, após nove meses de discussão, mereceu, finalmente, o aval dos estudantes. O Regulamento obriga a que todas as próximas direcções da AAUA possuam contabilidade organizada. A bem da transparência das contas.



Aspecto do campus universitário

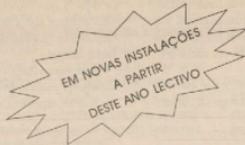


Instituto Superior de Ciências da Informação e da Administração
Reconhecido pela Portaria 931/90 MIE-DL, nº 228 1ª Série 90/1602

LICENCIATURAS

EM

COMÉRCIO INTERNACIONAL
COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL



ABERTAS CANDIDATURAS
PARA A 2ª FASE DE ADMISSÕES



FEDRAVE

Fundação para o Estudo e Desenvolvimento para a Região de Aveiro
Aparado 292 P-38/11 - Av. do Code - Tel. (+351)341 23045 - Fax. (+351)341 381406
URL: <http://www.fedrave-pt.com>
e-mail: icad@mail.edgpaev.pt

ADAPI reuniu com novo secretário de Estado

O presidente da Associação de Armadores de Pesca Industrial (ADAPI), Pedro França, reuniu, recentemente, com o novo secretário de Estado das Pescas José Apolinário. O representante da ADAPI apresentou um documento extenso onde, ao longo de quarenta pontos, se referem os vários problemas que afectam o sector. O governante comprometeu-

se a estudar as questões apresentadas e de, em tempo oportuno, dar uma resposta às pretensões da Associação. O responsável pela Associação chamou a atenção para «questões graves que se encontram por resolver», tanto a nível do arrasto costeiro como da pesca longínqua. Deste novo secretário de Estado a ADAPI espera uma postura mais aberta e mais

positiva; até porque «nos últimos três anos os problemas do sector não se resolveram, acumularam-se». Por outro lado, garante Pedro França, a Associação está pronta a colaborar «apresentado não só os problemas mas também as ideias para a sua resolução». A ADAPI convidou o secretário de Estado para uma visita em Aveiro, que se espera seja em breve.

Sócio oferece auto-tanque aos Bombeiros Novos

Os Bombeiros Novos de Aveiro têm um novo auto-tanque. A viatura foi oferecida à corporação por Ernesto Vieira Pai, a segunda que este sócio benemérito oferece aos Bombeiros Novos. Um carro que, nas palavras de

Albuquerque Pinto vem «colmar uma grande lacuna da corporação que ainda há pouco tempo perdeu um carro semelhante». Mesmo assim, para ficar bem apegada, a Associação Humanitária necessitava de

mais uma viatura do género. O auto-tanque, que segundo anunciou o presidente da direcção vai ser baptizada com o nome do doador Ernesto Vieira, vai entrar oficialmente ao serviço no próximo dia 29.

Breves regionais

Qualidade vence no Festival de Teatro de Ovar

A quinta edição do Festival – Festival de Teatro de Ovar encerra no próximo Sábado, dia 28, com a peça "O Rei Imaginário" (Raul Brandão), levada a cena pelo grupo de teatro "Contacto", de Ovar.

A uma peça do fim do "Festival'98" e após ter assistido a algumas das peças que passaram pelos dois palcos varcicos, o vereador da cultura da Câmara Municipal local, Manuel Oliveira, fez um balanço «bastante positivo». Numa análise geral, o autorça salienta a grande adesão de público aos espetáculos e a qualidade que tem estado presente em cada peça: «não é só fazer o teatro pelo teatro», diz. Outra das preocupações que notou na organização do "Festival'98" foi o facto existirem «peças para públicos diferenciados, para diferentes faixas etárias», o que possibilitou que o le-

que de espectadores fosse mais vasto e diversificado.

A peça que mais gostou foi "El Rei Papão" (de José Jorge Letria), uma peça de teatro destinada à infância que cativou Manuel Oliveira; faz «empatia muito grande com o público que pareceu existir, apesar dos actores serem jovens» e também pelo «papel pedagógico» que encerra.

A qualidade assume neste festival, de acordo com o vereador da cultura, um papel preponderante; porque «pode trazer mais público» e porque possibilita, desta forma, «atingir maiorias através de minorias», acrescenta.

Fazendo uma retrospectiva das edições do Festival de Teatro de Ovar, da primeira até esta, Manuel Oliveira considera que houve «uma evolução muito positiva, numa

qualidade crescente em termos de abrangência». Um crescimento «progressivo», onde se vai notando, a cada edição, «o alargamento do leque de pessoas que adere a esta iniciativa».

Na edição deste ano do "Festival" foram exibidas dez peças teatrais, três das quais para a infância. O cine-teatro e o salão parquial de Ovar foram os palcos privilegiados por onde passaram, durante cerca de três e meio, as companhias "Ilebeus Avintenes" (Gaia), Teatro do Carmo Artes (Penafiel), Grupo Dramático Flor D'Infesta (Matosinhos), Grupo de Teatro do Grupo Portugal Telecom (Lisboa), "Gota" (Oliveira de Azeméis), Escola Companhia Volboense (Gondomar), Companhia Teatral de Ramalhe (Porto), "Contacto" (Ovar) e Teatro Popular de Espinho.

Câmara de Estarreja apoia Centro de Dia

A Câmara Municipal de Estarreja manifestou a intenção de apoiar a execução do Centro de Dia da Associação Filantrópica Veirensis (Veiros). Na reunião do executivo camarário, foi ainda adjudicada a construção de uma estrutura de apoio à Piscina Municipal de Estarreja, por 1.970.185\$00, e o fornecimento de contentores, pilhões, baldes e papeleiras, no valor de 3.241.500\$00. O executivo aprovou ainda, e por unanimidade, uma alteração ao quadro de pessoal da Câmara Municipal de Estarreja, que prevê a admissão de 19 auxiliares de acção educativa e a criação da Divisão de Saneamento, Ambiente e Qualidade de Vida.

Anadia presta homenagem ao Visconde de Seabra

A Câmara Municipal de Anadia vai levar a efeito uma cerimónia de homenagem ao Senhor Visconde de Seabra. A autarquia pretende desta forma assinalar a passagem do segundo centenário do nascimento deste ilustre homem do Direito, da política e do jornalismo, cujo percurso está ligado ao município de Anadia e, mais concretamente, a Migalhos, onde nasceu e faleceu. A figura e a obra do senhor Visconde de Seabra serão evocadas no Jantar Francisco Cardoso Pereira e pela docente universitária Maria Eugénia Seabra Nunes de Almeida, bisneta do homenageado, que assim se associam a esta comemoração.

Águeda debate desenvolvimento estratégico

O Águeda Fórum vai promover, no próximo dia 28, sábado, um debate sobre «Águeda – identidade e desenvolvimento estratégicos». Analisar e reflectir sobre a problemática de Águeda é o principal objectivo deste debate que vai decorrer a partir das 16h, no salão nobre dos Paços do Concelho. Vão participar nas conversas Valdemar Alves, Denis Padeiro e Antunes de Almeida, antigos presidentes da Câmara de Águeda.

Aveiro e Oita cada vez mais "irmãs"

O aprofundamento cultural e uma maior aproximação entre Oita e Aveiro, foram os principais desejos expressos pelo vice-presidente da Câmara Municipal, José Costa, aquando da visita a Aveiro de uma comitiva daquela cidade japonesa, geminada com a «cidade dos canais».

Durante a recepção aos 22 japoneses, José Costa referiu a existência de protocolos culturais «que gostaríamos de ver aprofundados nos dois sentidos» (de Oita para Aveiro e vice-versa). Referindo a diferença de culturas, o vice-presidente da edilidade aveirense salientou que «a aproximação entre povos é fundamental», considerando a cultura «semente» dessa proximidade. No final da sua intervenção, José Costa fez ainda votos para que «os laços se intensifiquem cada vez mais e as duas cidades sejam cada vez mais unidas».

Ausente desta visita a Aveiro esteve o autorça de Oita. O homólogo de Alberto



Alguns elementos da comitiva de Oita

Souto enviou uma mensagem de cumprimentos pela mestre de cerimónias de chá bem como algumas lembranças. Entre uma gravata, um quadro e outras pequenas prendas, a que causou mais sensação foi uma máscara típica japonesa, experimentada *in loco* (1) pelo vereador da cultura, Jaime Borges.

Esta visita a Aveiro era para ter sido realizada no passado mês de Junho, altura em que os nipónicos estiveram presentes



Trajes tradicionais do Japão

no Dia do Japão na Expo'98, mas em virtude da falta de tempo ficou adiada para este mês, aquando da participação no 13º festival de Cultura Japonesa, que teve lugar no passado fim-de-semana em Lisboa.

Oita encontra-se geminada com Aveiro desde 1978, ano em que foi celebrado o primeiro protocolo de geminação entre os dois municípios, tendo havido, desde então, um «contante intercâmbio cultural entre os dois municípios».

Ficha técnica

CAMPEÃO
das províncias

Propriedade



Fundação para a Cultura e Desenvolvimento da Região do Aveiro

Apurado 292
3811-901 Aveiro
Tel. 034 23045
Fax 034 381406

Conselho de Administração:

Presidente: João Rêgo Simões Dias, *Administradores:* Amaro Ferreira Neves, Amadeo Teixeira Carmoite, Fernando Gonçalves Ratten, Jorge Carvalho Antónia.
URL: <http://www.observador.pt/ica>
E-mail: ica@total.telecom.pt

Director:

Luís Vabal

Conselho Editorial:

Crista Cavalões

Dirigentes Artísticos:

Tribelinas: Jorge Vieira Vaz, Francisco Cardoso Lima

Publicidade e Maquetagem:

Hélia Monteiro

Redacção:

Daniela Sousa Pinto, Irina Morais, Maria Duarte, Maria Reti, Paula Vénura

Telefone 034 386106 / Fax 034 386106
E-mail: cp@observador.pt

Colaboradores:

Amam Neves, Eduardo Maia, Paulo Ferreira, João Duarte, Nelson João Pedro Dias, José Manuel Nunes, Luis Cruz, Manuel Ferreira Rodrigues, Maria Garcia Maral, Paulo Ramos, Paulo Ramos, Vítor Sequeira, Ze Gomes.

Setor de Recepção de Publicidade:

Rua João Mendonça, 17-2
3850-200 Aveiro.

Serviço Administrativo:

Paula Rodrigues
Departamento Comercial:
Crista Albuquerque, Hélia Vázcar, Paula Ferreira, Raquel Simões, Silveira Lemos.
Telefone: 034 383787 / Fax 034 386106

Impressão:

Centro de Imprensa Corante

Distribuição Variz

Tiragem: 6.000 exemplares

Registo

SRP nº 1272567

ISSN

0874 - 3622

Depósito Legal

nº 127445/78

Preço de cada número: 10\$000

Assinatura Semestral: 2,500\$00

Assinatura anual: 5,000\$00

Associação de Imprensa do Aveiro

Agenda

(de 27 de Novembro
a 2 de Dezembro)

Dia 27

Tem hoje início o "Fórum Nacional de Teatro de Amadores", que decorre até ao dia 1 de Dezembro. As práticas, os textos, os públicos, os circuitos e os espaços, são alguns das temas a abordar durante este encontro, que conta ainda com a realização de espectáculos, uma feira de livros e uma videoteca, entre outros.

Dia 28

Jantar/leilão da Associação Fernando Valente, no restaurante "Solar das Estátuas", pelas 19.30h. Será leiloadas obras dos artistas plásticos azevites António Vaz, António Vale, Artur Fino, Carlos Anastácio, Carlos Silva, Henrique Vaz Duarte, Jeremias Bandarra, João Paulino, Mulumba, José Luís Martins Pereira, Soraya Barros e Sá, e Waldemar Ribau.

Dia 29

Terminia hoje a "5ª Feira de Trocas e Vendas do Clube Azeviteense de Automóveis Antigos". A iniciativa decorre no Parque de Felros e Exposições e pode ser visitada entre as 10.00h e as 17.00h.

Dia 30

Convívio com os formandos dos cursos de aperfeiçoamento profissional hoteleiro, na área da pastelaria. A iniciativa, promovida pelo Instituto de Formação Turística e pela Região de Turismo Rota da Luz, tem lugar na Pastelaria Diamante, pelas 16.00h.

Dia 1

Conívio da Liga de Luta Contra a Sídia

Dia 2

Escritura da Sociedade de Mata-d'Água da Beira Litoral, que vai passar a gerir o Mata-d'Água de Aveiro.

Aveiro

Câmara retoma negociações com CP

A Câmara de Aveiro quer ver incluído um conjunto de viadutos no programa de modernização da Linha do Norte e actualizar um protocolo assinado há anos com a CP que, segundo a autarquia, está por cumprir. A modernização da Linha do Norte vai avançar entre Quintás e Ovar, e está a ser preparada uma reunião com a CP em que a autarquia vai apresentar um conjunto de propostas para resolver problemas.

Alberto Souto de Miranda, presidente da Câmara de Aveiro, disse à Lusa que, entre as obras pretendidas, está a construção de uma passagem inferior à Estação de Aveiro. O objectivo é dar ligação, no prolongamento da Avenida Dr. Lourenço Pêixinho, ao Centro Coordenador de Transportes, não apenas em passagem inferior para passageiros, mas também à circulação automóvel, aproveitando áreas disponíveis para estacionamento.

A Câmara Municipal de Aveiro celebrou em 1991 um protocolo com a CP que previa já a construção de uma passagem inferior para peões, na estação. A operacionalidade do Centro Coordenador de Transportes, construído pela autarquia nas traseiras da estação de caminhos de ferro,

ficou comprometida pela falta de uma ligação que permita articular os diferentes tipos de transporte, nomeadamente, a gare de comboios com os autocarros. Além da passagem subterrânea, o protocolo contemplava a urbanização de uma zona ocupada por armazéns da CP, ainda por realizar.

No rol das obras que a autarquia vai solicitar à CP encontra-se também o alargamento da passagem de água sob a Linha do Norte, para resolver as inundações no bairro da Forca-Vouga, através de

mais ampla ligação da vala ao canal do Cojo. Nas imediações da antiga fábrica Campos, actual Centro Cultural e de Congressos, a Câmara quer um novo viaduto, no lado contrário ao da Forca-Vouga, dando continuidade a uma nova estrada de ligação à EN 109, a Vilar e ao futuro eixo estruturante.

Estação do CP em Aveiro



Estação do CP em Aveiro

Avança compra de terrenos frente ao Centro Cultural

A Câmara de Aveiro decidiu fazer um contrato de locação financeira de 3,4

milhões de contos para adquirir 147 mil metros quadrados de área de construção

no centro da cidade, impedindo a construção de duas torres de 14 andares.

"A deliberação vai permitir à Câmara ficar senhor dos terrenos e fazer um novo loteamento, reduzindo a área de construção" das duas torres, frente ao Centro de Congressos, disse à Lusa o presidente da autarquia, Alberto Souto de Miranda. O recurso ao sistema de locação financeira, autori-

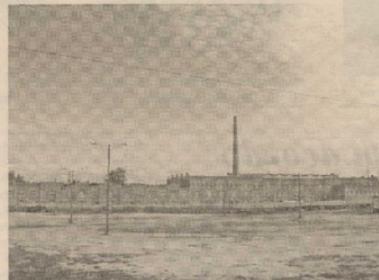
zado já pela Assembleia Municipal, com os votos favoráveis de todas as bancadas excepto do PCP, resulta da imposição de pronto pagamento da empresa Aveiria para ceder a área. Para o efeito foi aberto concurso público internacional para um leasing sobre os terrenos, que foi ganho pela Imoleasing, tendo concorrido também a Locapar, que foi preterida. Segundo o acordado, a Imoleasing vai adquirir os lotes em causa à Aveiria, que por sua vez os cede à autarquia em regime de locação financeira,

com opção de compra. A autarquia fica obrigada a uma renda mensal na ordem dos 15 mil contos por mês. A operação de locação financeira é feita a mais de vinte anos, com amortizações parcelares, o que permite à Câmara amortizar o leasing à medida que vai colocando os lotes no mercado, não comprometendo a capacidade de endividamento.

Refira-se que a Aveiria é uma sociedade detida em 51% pelo Banco Mello e em 49% pelo Grupo Sonac.

Outras deliberações

A Câmara de Aveiro já aprovou uma proposta de alteração ao plano de Portmoro de Sã Barrocas. O objectivo é estender a área de intervenção do plano na zona das Agas, assim, o documento passa a incluir a Rua Nova do Canal. Na última reunião ordinária foi também aprovada a abertura do concurso público para a construção da Rotunda da Intercepção da EN. 230 - I, em Oliveirinha. O projecto de instalação do Centro de Documentação Europeia e Centro Virtual também já mereceu luz verde da autarquia, trata-se de um espaço onde os azevites passarão a dispor das publicações oficiais da U. E.



Ex-fábrica Jerónimo Pereira Campos



RESTAURANTE
Abílio Marques
(Abílio dos Frangos)

CASAMENTOS
BAPTIZADOS
FESTAS
E.T.C.

FRANGO DE CHURRASCO
Lentão à Bairrada
Arroz malandano

BONSUCESSO - ARADAS - 3810 AVEIRO - TELEF. 23457 - FAX 381412

Associação Comercial de Aveiro Comemoração dos 140 anos

As comemorações do 140º aniversário da Associação Comercial de Aveiro (ACA) foram celebradas com um ciclo de conferências que tiveram início na passada segunda-feira e terminam ontem. Três dias dedicados ao debate da situação do comércio e do comerciante que culminou com um espectáculo de música clássica, que teve como palco o Teatro Aveirense. No último dia, Manuel Ferreira Rodrigues apresentou o seu livro "A Fundação da Associação Comercial de Aveiro e o Estado da Barra em Meados do séc. XIX", acendendo-se, pela primeira vez este ano, as iluminações de Natal e inaugurou-se a exposição de fotografia "Aveiro Comercial 1858-1998".

"O Papel do Comércio na Configuração dos Espaços Urbanos - Uma Perspectiva Histórica, Uma Perspectiva Futura", foi o tema tratado por Manuel Ferreira Rodrigues, que releu a importância do comércio no desenvolvimento das cidades. A Associação Comercial de Aveiro, «nascu num contexto muito específico; num contexto local, nacional e internacional que foi o da adesão da região de Aveiro e do país, a um desenvolvimento moderno, e foi um instrumento de afirmação, um mecanismo de pressão sobre o Estado e o poder político». Tendo sido durante décadas o vivo do poder económico e do poder político da região aveirense, a partir da década de 30, «ter-se-á passado qualquer coisa que lhe tirou o brilho, a importância». Manuel Rodrigues terminou a sua intervenção explicando a importância do comércio no desenvolvimento das cidades, afirmando que «o comércio é, por natureza, a mais urbana das actividades».

José Mesquita tratou da questão: "Comerciante. O Empresário de hoje". Na sua intervenção, explicou as formas que o pequeno comerciante pode utilizar para ultrapassar os seus problemas, de como pode obter apoio financeiro e da importância da ACA para todos os comerciantes. José Mesquita salientou, ainda, a necessidade de se tornarem mais flexíveis os apoios financeiros, «porque as decisões de financiamento nem sempre chegam no momento certo».

"A formação como factor decisivo", foi o tema que Lucinda Gonçalves coordenadora do Centro de Formação Profissional para o Comércio e Afins (CECOA - delegação do Porto), escolheu para a sua intervenção. No entanto, nem todos os comerciantes estão sensibilizados para esta reali-

dade, por isso, afirmou Lucinda Gonçalves, «a formação tem que ser encarada como um meio e um instrumento para alcançar os objectivos de competitividade no comércio». A formação é, defendeu, ainda, a coordenadora do CECOA, «um factor de qualificação e diferenciação que transforma o comerciante em empresário».

O Cartão do Futuro

A Associação Comercial de Braga e o Centro Tiendas Espanha estabeleceram um Protocolo de Cooperação para a implementação do projecto CentroLojas Portugal. Os objectivos desta iniciativa são a defesa dos interesses do Comércio Tradicional e o seu desenvolvimento face às grandes superfícies. Numa época em que se verificam grandes transformações nos hábitos de compra, e em que aparecem novas formas de consumo, é preciso fomentar outras práticas comerciais. Por isso, o Cartão de Crédito

CentroLojas constitui um importante instrumento para o Comércio Tradicional como meio de recebimento, e um cómodo meio de pagamento para os seus clientes. «Este novo cartão permite comprar a crédito, nos estabelecimentos aderentes à CentroLojas de todo o país, e pagar em três meses, sem qualquer juro ou custo adicional», explicou Patrícia Caño. São neste momento cerca de 33 as Associações que aderiram a este projecto. A Associação Comercial de Aveiro assinou o protocolo a 26 de Setembro e já aderiram a este projecto cerca de 100 lojas.

Comércio Electrónico: a Realidade Futura

Os novos canais de informação exigem que os comerciantes se ajustem às novas realidades tecnológicas. Segundo explicou Paulo Castelo Lopes, «o comércio electrónico tem potencial para aumentar a

competitividade e a eficiência das empresas abrindo novas perspectivas de negócio». Com a introdução da moeda única, o comércio electrónico trará às empresas novas oportunidades, «permitindo-lhes pensar em mercados até agora inacessíveis». Neste sentido, a Confederação do Comércio e Serviços de Portugal apresentou ao PROCOM o "Projecto Mercúrio", propondo a criação de um espaço de acolhimento na Internet e o desenvolvimento de infra-estruturas de suporte ao empresário do comércio e serviços. Este projecto, «com um investimento total na ordem dos 650000 contos, dará alojamento e usufruto das suas infra-estruturas a cerca de 3050 empresas e 100 associações no decorrer de dois anos e meio». O objectivo último deste projecto é o de proporcionar às associações e empresas a possibilidade de se familiarizarem, sem quaisquer custos, com as potencialidades das novas tecnologias da informação e da comunicação.



Manuel Mendes Leite



Bernardo Magalhães



Bento Xavier Magalhães

Horários de Natal sem acordo

As negociações entre o Sindicato dos Escritórios, Comércio e Serviços e a União das Associações Comerciais do Distrito de Aveiro, terminaram na passada terça-feira sem que os

representantes dos trabalhadores e dos patrões tivessem chegado a um acordo. Em discussão estavam as contrapartidas que são devidas aos empregados do comércio pela prestação de

serviço durante os horários alargados da época natalícia e ano novo. O Sindicato, afecto à UGT, vai solicitar uma reunião urgente com o Instituto de Desenvolvimento e Inspeção das

Condições de Trabalho (IDICT) e, entretanto, recomenda aos seus associados que não estabeleçam qualquer tipo de acordo que fuja aos direitos consagrados na convenção colectiva de

trabalho. Jacinto Martins está certo de que tal não acontecerá, até porque, «os trabalhadores sairiam prejudicados». O representante dos trabalhadores nestas negociações, lembra que, segundo o que está estipulado na lei, os trabalhadores recebem «cada dia de tra-

balho prestado ao domingo ou feriado a 200%, com direito a um dia de descanso suplementar a gozar a priori». Jacinto Martins lamenta a situação criada, garantindo que a «Inspeção de Trabalho vai actuar junto das empresas que não estejam a cumprir a lei».

RÁDIO TERRA NOVA

FM 105

Homenagem

David Christo

A homenagem que tardava

A Federação dos Bombeiros do Distrito de Aveiro (FBDA) vai homenagear David Christo. Uma iniciativa considerada prioritária na altura da tomada de posse da actual direcção e que se concretizará no próximo sábado, integrada nas comemorações do 90 anos dos Bombeiros Novos de Aveiro. «Uma grande responsabilidade», reconhece José Valente, presidente da Federação. Os lançamentos do livro "In Memoriam", de uma medalha comemorativa e de um prato da Vista Alegre, são apenas alguns dos pontos altos desta homenagem. Por proposta da FBDA, a autarquia aveirense decidiu também dar o nome de David Christo à rua até agora conhecida por Rua da Lota.

Paula Ventura

Todas as corporações do distrito vão associar-se a esta homenagem participando num desfile que tem como objectivo «testemunhar a David Christo toda a consideração e gratidão dos Bombeiros do distrito». Para levar por diante esta ideia, a comissão responsável pela organização desta homenagem, pediu a colaboração das pessoas que, de uma forma ou de outra, tiveram a oportunidade e o privilégio de fazer conhecimento e amizade com o advogado aveirense. «Chamámos os homens que estiveram ligados a David Christo na época de 60/70», altura em que se realizou, em Aveiro, o Congresso da Liga dos Bombeiros Portugueses. Uma reunião «revolucionária para a vida dos Bombeiros, em Portugal», na qual David Christo desempenhou um papel de fundamental importância. Foi graças ao «seu amor aos Bombeiros e à sua forma de estar apaziguadora que se alcançou o espírito de paritália e entreajuda que hoje se vive entre as corporações». Uma mudança que havia de marcar para sempre a vida dos Bombeiros portugueses.

Na conferência de imprensa para apresentação desta homenagem, o ex-comandante dos Bombeiros de Oliveira de Azeméis recordou os encontros que antecederam o Congresso de 70 em Aveiro como «umas reuniões de amigos, uns jantares e uns passeios dos quais nada resultava». Graças ao empenho de David Christo surgiram teses previamente preparadas e comissões organizadas. Ainda hoje, realça Ramiro Alegria, os congressos decorreram nos moldes defendidos por David Christo, em 1970. Foi também graças a ele «que se lançou a semente para a criação de uma estrutura de coordenação dos Bombeiros», no fundo, o pontapé de saída para o actual Serviço

Nacional de Bombeiros. Mas a homenagem organizada pela Federação dos Bombeiros do Distrito de Aveiro tem ainda como objectivo mostrar aos aveirenses e à comunidade em geral o trabalho desenvolvido por David Christo nas diversas áreas em que este se notabilizou: É que para além de exercer advocacia e de ser um excelente orador, participava activamente na vida dos clubes da cidade, o Beira Mar e o Galinos, tendo sido também dirigente da Associação de Futebol de Aveiro; era um amante das obras de arte, que não só colecionava, como também produzia: pintura, escultura, fotografia, e tudo com invejável mestria. O resultado do seu talento era acessível apenas a um restrito grupo de amigos.

«Um esbanjador de talentos»

Nas palavras de Gaspar Albino, ex-presidente da direcção dos Bombeiros Novos de Aveiro, David Christo foi «um esbanjador de talentos». Certo de que esta homenagem vai constituir «uma autêntica revelação» para muita gente, Gaspar Albino recorda a grande influência que o advogado exerceu na geração de 60, em Aveiro. «Era um purista, um perfeccionista nos seus múltiplos talentos» que passavam pela pintura, fotografia e escultura. Já para não falar nos seus dotes de orador, qualidade «a que se ficou a dever muito do sucesso que acabaria por ter o 19º Congresso dos Bombeiros de Portugal», durante o qual conseguiu convencer os vários comandantes das vantagens do estabelecimento de uma efectiva cooperação entre as várias corporações, tudo por conta da sua enorme capacidade de persuasão. Uma realidade que acabaria por ser imitada um pouco por todo o país. «Ele usava a palavra com todo peso, conta e medida até conseguir transmitir aos outros tudo



Para Gaspar Albino, David Christo foi «um dos grandes homens deste século»

aquilo que sentia».

Domingos Cequeira também deixou o seu testemunho sobre David Christo, seu familiar e amigo. Para o presidente da direcção dos Bombeiros Velhos de Aveiro, ele terá sido «um dos dois ou três aveirenses mais talentosos de sempre». Por isso, Domingos Cequeira tem dificuldade em perceber o porquê deste «alçamento da cidade perante esta figura memorável». «Aveiro tem assistido a tantas homenagens, nos últimos anos, a baptismo de

tantas ruas com nomes de tanta gente — gente com mérito duvidoso, que até reconhecia não gostar de Aveiro — e não se fala de David Christo». Domingos Cequeira arisca uma explicação. «Ele tinha uma coisa de que os políticos não gostavam — dizia-se anarca; por isso, nunca alinhou por nenhuma força partidária, apesar dos muitos convites». Mas ainda bem, diz, porque «lá onde estiver, estará com certeza feliz por esta homenagem ter partido dos Bombeiros».

O programa

O programa desta homenagem a David Christo começa por volta das 9 h da manhã com o hastear das bandeiras (nacional, da

Federação, da cidade e da corporação), ao som da fanfara dos Bombeiros Voluntários de Estarreja. Segue-se a missa de sufrá-

gio por David Christo, na Igreja da Misericórdia, ao som da celebração do Rev. João Gonçalves. Para as 11h está marcada uma toma-

gem à campá do homenageado, no cemitério central. O programa para a manhã de sábado termina com uma recepção e um almoço com as entidades convidadas. A homenagem prossegue a partir das 14 h cota a concentração das

corporações e desceramento da placa toponímica "Av. Dr. David Christo", (ex-Rua da Lota), na presença de um pelotão dos Bombeiros do distrito e da Banda Amizade. Às 16:30 h abre portas a exposição de trabalhos do

homenageado; uma mostra que vai ficar patente no salão nobre do Teatro Aveirense. Ainda antes da sessão solene de homenagem, marcada para as 17h, no Teatro Aveirense, procede-se ao lançamento do livro «In Memoriam».

Homens & Bichos

As saídas pró-ficcionais

Cоста Carvalho

Avançamos às arreugas. Trabalho volta a ser somente o esforço executado com o corpo, isto é, com os braços, as pernas ou as mãos e, logo, fadiga, pena, aflição, emprego, modo de ganhar a vida, cargo, pasta, ocupação, recebendo ordenado, vencimento ou outra remuneração. Socorro-me, para estas definições, de dicionários do século passado e das deidades deste que já vai no fim. E, confesso, não vejo em que possam eles diferir dos actuais conceitos e práticas. Neste confronto das ideologias do passado e do presente, valho-me, ainda, da memória da idade: porque, onde está a diferença entre o «enquanto houver portugueses sem trabalho e famílias sem lar a revolução continua» e o «enquanto houver um português desempregado, o primeiro-ministro não terá sossego»?

A dessemelhança existe, na verdade, e está no quotidiano coberto por um revestimento: a modernidade, seja ela vista pelos que tratam o dia-a-dia com impaciência, ansiosos de «mudar de vida» e depressa, seja pelos que consideram o vivido sem importância nem interesse, preferindo a «desampanar a lã» na total selução pela ciência, pela técnica, pelo crescimento económico. Com os meios colossais de que dispomos e as perigos terríficos que nos espantam, entramos, realmente, como diz Henri Lefebvre, no «escabe-humanismo»? E, por ele, eticamente no subhumanismo?

As saídas profissionais são um dos graves problemas com que a Escola se defronta e por causa dos quais tantos vezes pode ser afrontada pelas chamadas acções de formação. O certo é que do descrédito e da confusão imprecisas valem-se os empregadores, para exigirem dos jovens o máximo a troco do mínimo. Um exemplo: há cursos do vinho do Porto ainda a oferta de trabalho é realizada ao preço de \$50\$00/hora, em regime precário e com a condição de a gula saber falar pelo menos três línguas: «a natural e duas estrangeiras», além de ser capaz de servir as bebidas, de lavar os cálices e de limpar as mesas. Por esse salário, ninguém amaria, hoje em dia, uma empregada a diá, que não será idólatra, mesmo não sendo poliglota.

Uma outra modalidade das saídas pró-ficcionais é o recurso aos anúncios. Ao candidato é exigido, além de dinamismo, juventude, poder de inovação e de realização, espírito de equipa, gosto pela tarefa, etc., uma série de conhecimentos tecnológicos, de habilitações literárias e de habilidades técnicas que o potencial empregador se compromete compensar com um bom ordenado (mínimo), ainda assim condicionado à experiência e às competências da candidato ao primeiro emprego. As provas de admissão podem ser feitas com práticas concretas do expediente da firma, nunca ninguém é admitido e, pelo sistema da repetição sistemática de anúncios, o serviço vai ficando diariamente feito - e de graça! Há expedientes para tudo...

Nada a opor quanto às exigências profissionais que a modernidade passa ditar; nada contra o facto de, em estabelecimentos comerciais ou em restaurantes, ser-atiendo por jovens finalistas de cursos universitários ou mesmo licenciados, isso deve de essa valorização de recursos humanos se faça nos dois sentidos e não pelos métodos de exploração adoptados por uma das partes e em seu exclusivo benefício.

Temo, no entanto, que as acções de formação estejam a transformar-se ou num vazador de reais capacidades e de justas, e não atendidas, expectativas dos jovens, para alívio sazonal das estatísticas do desemprego, ou numa outra forma de cumprir um tempo mais alongado de serviço militar obrigatório. Seja como for, os comportos dos descontentamento e das desilusões nem sempre poderão continuar baixadas e resistindo aos alívios da insatisfação, sobretudo se, politicamente, se insistir em dar crédito e saída ao slogan que já fez escola, mas nos anos 80: «Say No! No Say!» [«Não dizer o que não se diz!»]. Slogan que, lido da frente para trás ou de trás para a frente, acaba por dar o mesmo. Como a tal non de um dos sermões mais brilhantes do padre António Vieira.

Do alto do Carmo

Perdi a consideração

Vitor Sequeira



A sucessão de casos em que magistrados e justiça portuguesa se vêm envolvendo, torna inenunciável a abordagem deste tema.

Para quem não tem a memória curta, e convém não a ter nos tempos que correm, convidaria os leitores a recordar alguns episódios recentes que envolvem magistrados ou a própria justiça, enquanto tal.

Há meses, um juiz teve problemas com as autoridades pelo facto de ter puxado de uma pistola de calibre proibido, contra uma pessoa nunca baste. Uma juíza foi investigada por alegados indícios de corrupção, enquanto um outro juiz, tempos antes, havia sido julgado por idêntica razão. Ambos absolvidos por falta de provas, os processos existiram.

A providência cautelar determinada por um tribunal, sobre as loucas de morte, foi claramente desrespeitada, pelo poder político, em Barrancos.

A hasta pública da Casa do Douro, num tribunal do Norte do País, foi suspensa por pressão do público presente, sem que nada tivesse acontecido a ninguém.

O sindicato dos Magistrados Judiciais e o sindicato dos Magistrados do Ministério Público, envolveram-se em grossa polémica pública, e, pelo menos o presidente deste último, aparece mais vezes no televisão do que muitos artistas de variedades.

Espero que as prescrições de processos importantes, por alegadas diferentes interpretações do tribunal supremo - que parece ter alterado as regras a meio do campeonato - não sejam um reflexo daquilo queira.

A leniência da Justiça é o que se sabe.

AD^o. Leonor Boleza, vai ser julgada ao fim de 12 anos por dolo eventual, porque, segundo se disse na altura, era a única forma encontrada de a julgar, pelo facto de terem deixado prescrever um eventual crime por negligência, assim se levando a vista, à barra do tribunal. O despacho de pronúncia deste caso, parece uma boa peça de oratória parlamentar, com referências políticas óbvias, perfeitamente fora do contexto de um tribunal e de magistrados em exercício de funções.

Noutro sede, o circunspecto Tribunal de Contas - que nem por isso deixa de ser um tribunal - faz um relatório no qual deva entender que as dívidas à Segurança Social estão quase fora de controle, sujeitando-se a ser desmentido no dia seguinte pelo ministro da tutela, que disse, tão simplesmente, que o tribunal se pronunciou com base em dados provisórios, tão provisórios, que até estavam errados.

Que se passa afinal?

Bem sei que o problema não é só nos tribunais.

Não posso esquecer as viagens-fantasma dos deputados, as investigações que decorrem em relação a milhas médicas no país por alegadas corrupções, os professores universitários de avião - tipo "turbo" - que dão aulas em todo o lado, quase ao mesmo tempo.

As chamados elites estão muito por baixo e, talvez, se devesse ir buscar os razões desse abaloamento de nível, às muitas passagens administrativas e alianças que se viveram logo a seguir ao 25 de Abril, quando muito da actual geração se formou profissional e culturalmente da forma desleixada e agressiva. Claro que os conseqüências desse e outros facilismos se refletem presentemente no dia a dia do País.

Dizia eu, porém, que a crise é tanto mais grave, quanto a justiça que é, ou deveria ser, o baluarte da seriedade e da segurança dos cidadãos, torna-se, ela própria, factor de instabilidade ao nível da aplicação da justiça, da organização dos tribunais e das suas próprias decisões. A situação é grave porque quanto a políticos, a gente pode mandá-los embora, quanto a médicos ou professores, podemos escolher outros, agora magistrados são os que temos, sem escolha possível.

Confesso que, como cidadão, deixei de ter razão para os considerar, em abstracto, como expoentes e defensores inquestionáveis do cidadão.

Como Português, lamento que a crise seja capa de jornaes estrangeiros.

Como homem, tenho o recio que resulta da falta de confiança que a justiça me inspira. A justiça não é respeitada, porque não se dá ao respeito.

Falta dizer que, apesar de tudo isto, o Ministro da Justiça continua em funções, espero que ministro de outra justiça, que não esta.

Uma Força Global

José Manuel Nunes



A Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO), de que Portugal é membro fundador, está a preparar-se para adoptar um novo conceito estratégico que, se vier a ser aprovado - em Abril de 1999 - poderá estender as suas acções até regiões tão longínquas como Taiwan ou as costas africanas, sem necessitar do mandato de qualquer outra organização in-

ternacional.

O "Novo Conceito Estratégico" adoptado em 1991 ficou obsoleto pouco tempo depois, com o colapso da União Soviética. Este texto pretendia ser uma primeira resposta da NATO às profundas mudanças verificadas na Europa após o queda do Muro de Berlim. Muitos, neste época, muitos colocaram dúvidas quanto à sobrevivência da organização, criada para responder às circunstâncias de uma época que assim terminava. A este, o Pacto de Varsóvia tinha terminado, a razão de ser original da NATO tinha acabado. Tornou-se, por isso, essencial e urgente encontrar uma nova orientação, um objectivo racional que justificasse

a sua existência, já alcançada em múltiplos interesses. Aliás, sendo um instrumento fundamental de influência americana na Europa, era preciso preservá-lo.

É neste contexto que se começaram a verificar alterações substanciais no pensamento e na estratégia da organização. O mundo tinha mudado, mas não necessariamente para melhor. Surgem novos ameaças e novos perigos: a explosão de conflitos étnicos, litígios territoriais, a proliferação de armas de destruição maciça, a ruptura das aproximações de recursos naturais vitais, actos de terrorismo e sabotagem. Desse modo, assim, um conceito alargado de segurança, mais conforme aos novos tempos, abarcando todas

Politicamente incorrecto

Editorial

As novas Faculdades de Medicina

João Pedro Dias



A semana política, do ponto de vista nacional e regional, foi dominada pela decisão governamental em criar duas novas Faculdades de Medicina.

As decisões são conhecidas - e o governo decidiu contemplar, qual Pai Natal em quadra natalícia, as cidades de Braga e do Covilhã.

No caso de Braga, a decisão já era mais ou menos óbvia, mais ou menos esperada. A grande densidade populacional que Braga serve, a necessidade de construção de um novo hospital central, a proximidade da Galiza onde as necessidades médicas também se fazem sentir de sobremaneira e a procura de lugares em Faculdades de Medicina excede em quatro vezes a respectiva oferta - tudo aconselhado, em síntese, a opção pela cidade dos Arcebispos.

Já no caso do Covilhã, pelo contrário, não se dividem quaisquer bons motivos que tenham aconselhado a opção tomada - o que não pode deixar de levar a escolha ao pagamento de um qualquer tributo político em

nome de um lobby poderoso que marcou o seu território de actuação. O argumento da interioridade, aquele que com mais peso tem sido aduzido e mais frequentemente tem sido invocado, revela uma fragilidade de inscível e uma terrível falta de senso. Sem esquecer que, interioridade por interioridade, Viseu reunia condições muito mais vantajosas para ser a cidade escolhida, a crítica deve ser mais profunda e radical no nosso plano. É que pensar que as questões da interioridade e da desertificação se resolvem, apenas, com a criação e a instalação de uma Faculdade de Medicina é não perceber, no essencial, porque é que as pessoas abandonam, hoje em dia, o interior e preferem as regiões litorais. Se a solução miraculosa fosse essa, o Estado há muito que tinha obrigação de ter terminado com o problema da migração interna. A questão é outra, infelizmente mais profunda - e essa doença nenhuma Faculdade, ainda que de Medicina, saberá ou poderá curar. Sem se ofere-

rem, em primeiro lugar aos habitantes locais, condições para permanecerem nas suas regiões, será pura ilusão pensar que qualquer estabelecimento de ensino superior poderá atrair para esse mesmo interior gentes de outras regiões. E se dúvidas houver, repare-se que nem o facto de o Covilhã ter instalado, nos últimos anos, um imparteante pela universitário da Universidade da Beira Interior fez com que as pessoas escolhessem a cidade do interior para se radicarem. Ou seja, está provado que o ensino superior, por si só, não consegue fomentar e radical populações num qualquer canto do país - se não houver medidas complementares e de outra índole capazes de ajudarem à fixação das populações.

A esta nota não pode deixar de acrescer um comentário final - sem podermos esquecer que a instalação das duas novas Faculdades de Medicina obrigará a mexer com muitos milhões de contos do erário público, que compra bem gerir e melhor administrar, será que não seria muito mais barato ou melhor significativamente a capacitação das actuais Faculdades de Medicina em lugar de optar por criar novas Faculdades? A questão fica no ar - e já há respostas públicas que apontam, inequivocamente, em sentido afirmativo.

as dimensões, do fome às catástrofes ecológicas, das dificuldades económicas às turbulências daí derivadas, etc.

A NATO tem, deste modo, uma nova tarefa: gerir as crises. A adopção desta tarefa, para mais com um raio de acção tão amplo, acabou por converter a NATO numa espécie de "polícia internacional", uma organização eventualmente "pronta a tudo". De aliança de defesa militar, a NATO passa a organização política de segurança, em busca de um espaço, de um lugar. As consequências desta opção são inúmeras, tanto do ponto de vista da estruturação militar, como do ponto de vista político. Veja-se o desagrado demonstrado pela Rússia relativamente às novas tendências, apesar da relação especial prevista no chamado "Acto Fundador". Veja-se o eterno problema da defini-

ção de uma defesa autónoma europeia. Apesar das recentes evoluções, este problema continua ainda por resolver. Até lá os Estados Unidos vão assumindo claramente uma opção expansionista (alga-se a verdade que são os únicos com capacidade para o fazer).

No entanto, estas novas ameaças são problemas reais, sérios e que necessitam de ser resolvidos. Até ver e apesar destas mudanças, a verdade é que nem a Europa está mais estável, nem a Rússia mais segura, nem a guerra nos Balcãs terminou. E a NATO? Haverá capacidade e vontade política para assumir este papel numa nova ordem internacional de segurança? Deverá ser a NATO a assumi-la? Não estaremos perante realidades completamente novas que exigem soluções completamente novas?

Paulo Santos
advogado

R. Marques Gomes, 22 - 1.^o
Tel. 034.382063 - 3800 Avelro

João Pedro Dias
advogado

Trav. do Mercado, 5 - 2.^o D.^o
Tel. 034.22568 - 3800 Avelro

Viseu merece mais

Lino Vinhal
Director

Viseu é hoje uma terra traumatizada. Criou - ou criaram-lhe - expectativas excessivas sobre uma das novas Faculdades de Medicina e afinal viu preferido relativamente à Covilhã que, de forma mais serena mais eficaz, soube conduzir com humildade todo o processo. Está decidido, está decidido. Morreu o assunto. Mas se Viseu viu gorar-se esta oportunidade, tem toda a legitimidade para aguardar que o Governo cumpra o que lhe tem vindo a prometer em diversas ocasiões. Com efeito, já na campanha eleitoral para as últimas legislativas o então candidato António Guterres prometeu, alto e bom som, que Viseu merecia, justificava e iria ter uma Escola Superior do ensino público. Se faltou a Faculdade de Medicina que se devolveu àquele terra a esperança perdida e o entusiasmo de que também necessita para continuar a bater-se pelo desenvolvimento. Viseu é uma cidade lindíssima e a crescer. Mas é capital de um distrito pobre, pese embora o valor de algumas cidades periféricas. Pertencem a Viseu alguns dos concelhos mais pobres do país. Integram-na também algumas das freguesias mais rurais da zona centro, onde as jovens poucas ou nenhuma possibilidade têm de aceder ao ensino superior. As suas famílias, muitos dizes, vivem exclusivamente do terra e as ganhos para pagar estudos são poucas ou nenhuma. Em perfeito contraste com o estabonamento que muitas outras fazem por esse país fora, que um milhares de alunos ocupam nas Faculdades um lugar que conquistaram mas não sabem merecer e justificar.

Mas assentemos nisto: o ensino superior, sobretudo o público, não é para pagar nem favores nem interioridades ou outro coisa qualquer. O ensino superior ou é preciso ou não é. E se o for, deve instalar-se onde melhor sirva os seus destinatários: o montante os alunos, a jusante a fixação dos profissionais. Daí que discorde, totalmente, que os políticos andem por aí a prometer Escolas e mais Escolas, ao sabor dos votos de que necessitam para ganhar eleições. Não sei se Viseu foi um caso desses, mas ainda não conseguí encantar justificação para a criação de mais duas Faculdades de Medicina no país, ficassem elas onde ficassem. E não vejo razões para isso pelo seguinte:

1 - Se são precisos mais médicos - e não são - alterem-se os números ciosos nas Faculdades existentes, já que todos eles reúnem condições para receber mais alunos. Fica muito mais barato e assegure-se melhor qualidade ao ensino. Até porque

2 - Também não vejo donde vão sair os professores para as novas Faculdades, quando neste domínio há flagrantes deficiências em certas valências do ensino médico. Portugal não dispõe de um corpo docente excessivo neste sector e as novas Escolas vão dar origem a mais professores turmas, daqueles que ensinam numa, duas ou três Escolas, obrigados a carrearas doidas como se ganhassem ao quilómetro, em clara prejuízo da investigação e do próprio ensino. Este, o da saúde, não é um domínio onde se pode ceder na qualidade dos profissionais. Os futuros alunos das Faculdades agora criadas têm todo o direito a professores de qualidade que lhes saibam ministrar ensino prático adequado. E duvido muito que estejam reunidas tais condições.

Disse atrás que não temos falta de médicos. É verdade. Estão é mal distribuídos. Ninguém quer ir trabalhar para a periferia e o Estado não consegue acertar com a política de fixação no interior. Por culpa de alguns, tais objectivos nunca foram conseguidos. Mas a ratio médica/habitantes é superior em Portugal a muitos outros países mais desenvolvidos. Temos, por exemplo e em termos proporcionais, mais médicos que o Reino Unido. Não é, pois, por aí, que perdemos a batalha da saúde. A razão deve estar noutra lado. Talvez no mesmo sítio por onde todos os anos se abrem enormes buracos no orçamento da Saúde.

José Américo, Carlos Freitas, Paulo Matos
e Associados
Sociedade de Advogados

Cada rua... sua história

Praça do Marquês de Pombal

Após a instauração da República foi dado o nome do Marquês de Pombal à praça que ainda hoje se chama assim. Reconhecimento da edilidade ao grande estadista, benfeitor e incentivador da vila de Aveiro que elevou à categoria de cidade, em 1759.

Marta Duarte

Na primeira década do século XX, Aveiro sofreu uma das suas maiores transformações urbanísticas e iniciou uma das obras que mais clemência desencadeou.

A Praça do Marquês de Pombal, que há cerca de dois séculos era um emaranhado de pequenas ruas e vielas tornou-se um espaço amplo e airoso: o Largo do Governo Civil, como vulgarmente é denominado.

Em 1759, no local do velho Terreiro das Carmelitas e quase enostada às muralhas, foi iniciada a construção do palácio do visconde de Almeidainha onde se realizavam memoráveis e caritativas festas de grande concorência e elegância. Em 1852, quando a rainha D. Maria II visitou Aveiro, o palácio serviu de residência à rainha.

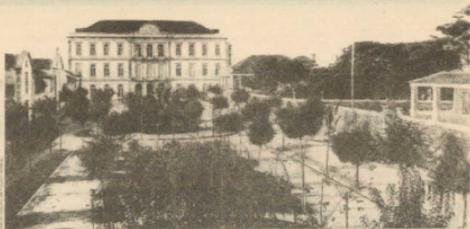
Em 1888, o dr. José Maria Barbosa de Magalhães, presidente da comissão executiva delegada da Junta Distrital, propôs que nas ruínas do palácio do visconde de Almeidainha - destruído por um incêndio na noite de S. João de 1871 - se erguesse um amplo edifício para a instalação das principais repartições de feição distrital. A elaboração do projecto foi confiada ao eng.º José Maria de Melo de Matos, que deu o seu trabalho por concluído a 15 de Setembro do mesmo ano. O novo edifício, de 42 metros de comprimento por 16 de largura, foi inaugurado em 1901. Ali funcionaram, além do Governo Civil e da Junta Geral do Distri-

to, várias repartições públicas.

Ao pretender alargar a rua em frente ao novo edifício do Governo Civil, a Câmara Municipal de Aveiro provocou, em 1905, uma das mais apaixonadas polémicas locais e, até com carácter nacional. Isso porque o alargamento iria mexer com as dimensões do Terreiro e, principalmente, com o próprio convento das Carmelitas.

O convento, da invocação de S. João Evangelista, foi mandado construir, a partir de 1610, por D. Brites Lara destinando-se à Ordem dos Carmelitas Descalços. Manteve-se intacto até 1905, após o que toda a ala norte do claustro foi cortada e desventrada. A igreja permaneceu, talvez por milagre! Numa das alçadas do templo e na antiga Rua das Carmelitas (local de concentração de judeus) foi colocada uma placa topónimica com o nome de Joaquim de António de Aguiar, vulgarmente conhecido por "mata-frades". Com sinais visíveis de violenta amputação, no que restou do convento carmelitano estão agora as instalações da Polícia de Segurança Pública.

Em frente ao edifício do Governo Civil, do outro lado da praça, pode-se apreciar uma obra da segunda metade do século XIX - Casa de Santa Zita, desde 20 de Janeiro de 1957. Foi propriedade do visconde da Granja, a quem cabe a remodelação do palacete, valorizando-o com uma das melhores obras de azulejaria da conceituada fábrica Fonte Nova. Esta iniciativa evitou que a casa fosse demolida, dando passagem à projectada avenida



Largo do Governo Civil



Actual Praça do Marquês de Pombal

que ligaria o Governo Civil à Estação de Caminhos de Ferro.

Na década de 40, o eng.º Duarte Pacheco mandou construir o edifício dos Correios, destinado a substituir a velhinha estação que funcionava num dos antigos edifícios fronteiros à Câmara Municipal de Aveiro.

Do outro lado da praça, o Colégio do Sagrado Coração de Maria deu lugar ao Palácio da Justiça, construído, na década de 60, por uma vasta equipa de presos, e inaugurado a 8 de Julho de 1962.

Ao lado, uma bela vivenda do século XVII, pertença do dr. Armando de Azevedo, foi demolida e no mesmo local levantaram um prédio onde hoje se pode encontrar o café "Magestic", a construtora "Concassa", a sapataria "Charles" e o "Bau". Nos andares de cima, moradas, escritórios de advocacia e consultórios médicos completam o conjunto.

O quiosque da sr. Cândida Raposo foi o primeiro comércio a aparecer na Praça do Marquês de Pombal, em meados deste século.

Embora mais despida de árvores e canteiros, a famosa Praça do Marquês de Pombal é um dos principais logradouros aveirenses.

Muito mais se poderia dizer sobre este espaço, mas, desculpem os leitores, outras oportunidades surgirão.

Hoje... alguns problemas

Localizada numa zona estratégica e alvo de intenso movimento é para a Praça do Marquês de Pombal que confluem algumas das importantes artérias da cidade. É um espaço onde se aglomeram vários edifícios e repartições públicas, de grande procura por parte de toda a po-

pulação do distrito.

As principais queixas dos comerciantes são a falta de estacionamento, a pouca iluminação e um deficiente escoamento de águas. Alguns consideram que o parque automóvel, ao lado da PSP, está pouco aproveitado e que os parcometros não resolvem o problema de quem ali vive ou está estabelecido. Talvez a implementação de um canal de utente atenuasse essa constante dificuldade.

Com a aproximação do Natal, as ruas de Aveiro adquirem nova luminosidade e alegria. A Praça do Marquês de Pombal não será excepção.

Sabia que...

O projecto da construção da actual Praça do Marquês de Pombal - iniciativa do então presidente da Câmara, Gustavo Ferreira Pinto Basto - originou, em 1905, uma forte polémica sobre a destruição de uma parte do extinto convento das Carmelitas. Mobilizaram-se opiniões contra e a favor, discutiu-se o caso nos jornais, publicaram-se folhas soltas e estudos históricos. Os que eram contra o corte do edifício recorreram a Ramalho Ortigo, grande escritor e crítico de arte, para lhes dar o seu parecer relativamente à obra projectada. A 3 de Maio do mesmo ano, Ramalho Ortigo emitiu uma opinião favorável à manutenção integral do edifício. De nada valeu! A pouca sensibilidade a questões ligadas à preservação do património arquitectónico, histórico e cultural da cidade, permanence.



CONCASA
CONSTRUÇÃO DE HABITAÇÕES, LDA.



**CONSTRUÍMOS
E
VENDEMOS**



Pr. Marquês de Pombal, 3 - Telef./Fax 034 21994 - 3810 Aveiro



O Bau
Texteis Iar - Lingerie

NOVIDADES PARA NATAL

Pr. Marquês de Pombal, 1 - Telef. 034 22421 - 3810 Aveiro

Audiência com Cravinho Para salvar a Linha do Vouga

A Associação de Entusiastas do Caminho de Ferro de Aveiro vai ser recebida, hoje, quinta-feira, no Ministério do Equipamento.

Os defensores da linha de ferro querem sensibilizar João Cravinho para a necessidade de manter a linha do Vouga, numa altura em que poderá estar emite o encerramento do troço entre Mourisca do Vouga e Oliveira de Azeméis. Evitar «o retalhar daquela que ainda é a maior malha ferroviária de via estreita do país» é o grande objectivo de José Teixeira, vice-presidente da Associação de Entusiastas do Caminho de Ferro, para quem o importante é mostrar

ao Ministro «o enorme erro que se está a tentar cometer». Esse tem sido também o objectivo dos encontros e debates que a Associação tem vindo a organizar e para os quais tem convidado representantes das entidades oficiais e autarcas. A última iniciativa não reuniu o número de presenças prevista mas, mesmo assim, serviu para divulgar a mensagem da Associação.

Entendem os defensores da linha do Vouga que os argumentos apresentados pela CP não convencem. Os horários, «perfeitamente descabidos», justificam a falta de passageiros que sofrem na pele uma deficiente explora-

ção do serviço. Já para não falar das infra-estruturas que se degradam de dia para dia. José Teixeira não tem dúvidas, se tal «acontecesse na linha do norte, as pessoas também deixariam de

andar de comboio». O que não se entende é que a «CP» escolha o caminho mais fácil, neste caso o encerramento justificando a falta de investimento e de modernização com o prejuízo.



Será desta que voltaremos a ver esta máquina a fumegar?

Aveiro: Câmara e JAE analisam acessos

Um conjunto de obras rodoviárias destinadas a melhorar os acessos a Aveiro vai ser analisado dia 25 por responsáveis da Junta Autónoma das Estradas (JAE) e do município local, informou hoje fonte camarária. Na agenda estarão projectos para a estrada entre o nó Aveiro/Sul da A1 e a cidade, um novo nó no IP5, a norte, o eixo estruturante e a desclassificação da Estrada Nacional no 109. A duplicação de faixas de rodagem na estrada entre o nó de Mamodeiro da A1 e a cidade é uma das obras que o presidente da Câmara, Alberto Souto de Miranda, quer ver inscritas nos planos da JAE. Com esse alargamento, Aveiro passaria a dispor de ligações em

perfil de auto-estrada a norte, através do IP5, e a sul. Nos propósitos do autarca está também levar a JAE a assu-

mir a responsabilidade da construção do eixo estruturante rodoviário entre Aveiro e Águeda, em substituição da actual Estrada Nacional e que é do interesse dos dois municípios vizinhos. Em estudo está também uma nova ligação ao actual IP5, que sirva

de acesso à zona industrial, ao aterro sanitário intermunicipal de Taboara e ao futuro estádio de futebol. A desclassificação da Estrada Nacional no 109 é outra das matérias a discutir, podendo a Autarquia vir a assumir o troço compreendido nos seus limites territoriais, após obras de beneficiação. Entre as alterações viárias propostas para a Variante à EN109, antes da sua municipalização, figura a construção de dois viadutos para eliminar os cruzamentos do Eucalipto e do Pingo Doce.



VIATREZE
design

Acompanha a evolução dos gostos e das tendências na divulgação do design

criatividade...

tendências...

design...



CENTRO DE ENFERMAGEM SÁ BARROCAS, LDA-AVEIRO

ABERTO DE 2ª A 6ª FEIRA DAS 08h AS 20h
SÁBADOS, DOMINGOS E FERIADOS DAS 10h AS 13h
RUA N.º SR.ª DA ALEGRIA N.º 21 - TEL./FAX 034 23938

CONSULTAS DE ESPECIALIDADE:

ORTOPEDIA
CARDIOLOGIA
NEUROLOGIA
GINECOLOGIA
E OBSTETRÍCIA
CIRURGIA PLÁSTICA
RECONSTRUTIVA

CLÍNICA GERAL
NUTRICIONISTA
OTORRINOLARINGOLOGIA
UROLOGIA
PSICOLOGIA
PSIQUIATRIA
OFALMOLOGIA



VIATREZE
design

Rua do Roto 13 rc. d. (frente museu) 3810 Aveiro tel. 034 384931 fax 384931



**óptica
nascimento**

Abrimos as portas para uma nova era



No entanto, ao olharmos para o passado vemos que já lá vão 35 anos de vida ao serviço da óptica. Nunca nos cansamos de dizer que o nosso esforço é feito sempre a pensar em si. Para nós o cliente está sempre em primeiro lugar.

Por isso, investimos num atendimento personalizado, na formação constante dos nossos técnicos, na mais moderna tecnologia e, claro está, em *novas e modernas instalações*. Tudo isto porque conhecemos o valor dos seus olhos.

Contactologia

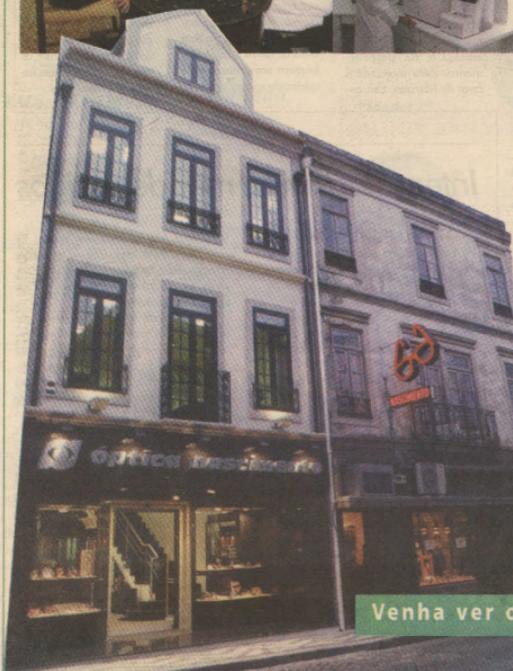
Imagine uma lente, do tamanho e com a curvatura do seu olho. O rigor e a seriedade tem aqui uma força ainda maior. A nossa experiência nesta disciplina da óptica é exemplar.

Até lhe mudamos a cor dos seus olhos — venha experimentar...



Visual

Difícil é resistir a tanta variedade. As mais modernas e arrojadas colecções, dos mais famosos designers e nomes da moda. O seu look vai mudar quando nos visitar.



Rua Combatentes da Grande Guerra, 18-24
 Tel. 034.24252 • Fax 034.21397
 AVEIRO

Venha ver o que mudou em 35 anos...